

PETER GAY

*FREUD*  
*UMA VIDA PARA O NOSSO TEMPO*

Tradução:  
DENISE BOTTMANN

Consultoria editorial:  
LUIZ MEYER

*10ª reimpressão*



COMPANHIA DAS LETRAS

nos sentimos justificados em construir qualquer hipótese” sobre os “processos de excitação” da mente. Contudo, no interior desses limites cuidadosamente delimitados, Freud tinha certeza de que se poderia entender muita coisa sobre o funcionamento mental.

Mas as dificuldades eram desencorajadoras. Alguns dos princípios ativadores que governam o mecanismo mental pareciam totalmente claros a Freud. A mente está sob o domínio do princípio da estabilidade, que ordena que ela descarregue estímulos desestabilizadores que a invadem de dentro ou de fora. “É o princípio da inércia neurônica”, para usar a formulação técnica de Freud: “os neurônios tendem a se desfazer da Quantidade”. Isso porque o estado quiescente, de calma após a tempestade, dá prazer, e a mente procura o prazer ou (o que muitas vezes é a mesma coisa) foge à dor. Mas a “fuga ao estímulo” não consegue explicar, por si só, toda a atividade mental; o princípio da estabilidade é rompido sucessivamente em vários pontos. As lembranças, que desempenharam papel de tanto destaque no pensamento de Freud, tanto na época como posteriormente, acumulam-se na mente quando ela armazena estímulos. E mais: a mente em busca de satisfações tenta obtê-las agindo no mundo real — percebendo-o, raciocinando sobre ele e modificando-o de modo a fazê-lo ceder a desejos persistentes. Por isso, uma psicologia científica que pretenda dar conta de toda a vida mental precisa explicar a memória, a percepção, o pensamento, o planejamento, tanto quanto a satisfação do relaxamento após a descarga dos estímulos.

Uma maneira através da qual Freud pensou fazer justiça a essa diversidade do trabalho mental foi a de postular três tipos de neurônios, os próprios para receber estímulos, os próprios para transmiti-los e os próprios para conduzir os conteúdos da consciência. Ele estava especulando, embora não ao acaso e na companhia de outros psicólogos respeitáveis. Mas seu sistema exigia muitas coisas, principalmente uma compreensão da natureza e das atividades da consciência, que derrotavam Freud, assim como seus colegas estavam sendo derrotados por dificuldades encontradas em hipóteses semelhantes. Em todo caso, as idéias de Freud, mesmo quando estava escrevendo sua “Psicologia”, começavam a se mover numa direção muito diferente. Ele estava à beira, não de uma psicologia para neurologistas, mas de uma psicologia para psicólogos. Os substratos fisiológicos e biológicos da mente nunca perderam sua importância para Freud, mas por várias décadas recuaram para um segundo plano, enquanto ele explorava os domínios do inconsciente e suas manifestações no pensamento e na ação — lapsos, chistes, sintomas, defesas e, a mais intrigante de todas, sonhos.

Em algum momento na noite de 23 para 24 de julho de 1895 — provavelmente, achava ele, de manhã cedo —, Freud teve um sonho histórico. Ele entraria no repertório psicanalítico como o sonho da injeção de Irma. Mais de quatro anos depois, em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud atribuiu-lhe uma envergadura excepcional, usando-o como paradigma para sua teoria de que os sonhos são realizações de desejos. Na época em que teve o sonho, ele estava trabalhando arduamente no projeto, mas encontrava-se confortavelmente instalado num lugar repousante — Bellevue, a estação de veraneio num subúrbio de Viena para onde os Freud freqüentemente iam

em férias. A época e o local eram ideais, não tanto para sonhar — Freud sonhou muito durante todo o ano —, mas para refletir sobre seus sonhos na ociosidade. Este foi, observou mais tarde, o primeiro sonho que tinha “submetido a uma interpretação detalhada”. Mas embora Freud tenha feito um relato esmerado, meticuloso, aparentemente exaustivo dessa interpretação, ele é fragmentário. Depois de remontar cada elemento onírico em separado até suas origens na experiência próxima e distante, Freud se interrompe: “Não vou pretender que desvelei completamente o significado deste sonho ou que sua interpretação não tem falhas. Eu ainda poderia me entender longamente sobre ele, extrair maiores elucidações e discutir novos enigmas que ele lança. Pessoalmente conheço as passagens a partir das quais poderiam se seguir outros raciocínios; mas considerações que surgem em todos os sonhos de nós mesmos impedem-me o trabalho de interpretação”. De fato, parte do que Freud confessou publicamente soava muito pouco louvável; assim, nada mais justo do que um mínimo de privacidade. Freud manteve sua posição: “Quem estiver pronto a me censurar pela minha reserva, que tente ser mais franco do que eu”. Muito verdadeiro: poucas pessoas, mesmo as mais desinibidas, teriam se disposto a revelar tanta coisa sobre si mesmas.

Curiosamente, as cartas de Freud a Fliess, de modo geral uma fonte inesgotável, apenas se acrescentam ao mistério de sua franqueza seletiva. Em 24 de julho, poucas horas depois de ter seu sonho memorável, Freud enviou uma mensagem de raro laconismo a seu amigo em Berlim, tratando-o (talvez com uma leve ambigüidade) como seu “daimon” — seu destino, sua inspiração. Indagava-se por que Fliess não havia escrito ultimamente e se ainda se interessava pelo seu trabalho, perguntava pelas idéias do próprio Fliess, pela sua saúde e pela esposa, e ponderava se ambos estavam destinados a ser amigos apenas em épocas de infortúnio. À maneira de um bom amigo escrevendo a outro, ele terminava a carta de modo ligeiramente irreverente, comentando que ele e sua família estavam “vivendo muito contentes” em Bellevue. Nem uma palavra sobre “Irma” ou o trabalho de interpretação que deve tê-lo absorvido naquele dia.

Em agosto, Freud insinuou a Fliess que, após um longo esforço intelectual, havia conseguido entender “a defesa patológica e, com isso, muitos processos psicológicos importantes”. Isso soa como uma alusão indireta às idéias levantadas com sua análise do sonho de Irma. Quando se encontrou com Fliess em Berlim, em setembro, Freud pode ter discutido esse sonho com ele. Mas foi apenas em junho de 1900, quase cinco anos depois, que Freud recordou enfaticamente a Fliess aquele momento de triunfo. Ele estava novamente em Bellevue. Depois de comentar as novidades da família e os prazeres de uma primavera tardia, recendendo a flores, ele perguntou a Fliess num tom retórico: “Você realmente acha que algum dia, nesta casa, alguém lerá numa placa de mármore: ‘Aqui, em 24 de junho de 1895, o segredo dos sonhos revelou-se ao Dr. Sigm. Freud?’”. Era uma pergunta retórica, obscuramente suspeita.

Nessa fantasia freqüentemente citada avolumam-se mensagens complexas, que apontam para muito além do anseio de Freud pela fama. Seu tom animado parece ocultar uma censura sutil, uma insinuação tardia de que, quando Freud solucionou seu sonho naquele dia de verão de 1895, ele estava preocupado com os defeitos radicais de Fliess. Sherlock Holmes teria entendido que o longo silêncio de Freud, como

o cão que não latia à noite, vinha carregado de significado. O que Freud não disse a Fliess em 24 de julho de 1895, nem aos leitores de *A Interpretação dos Sonhos*, era que o sonho da injeção de Irma foi um enredo cuidadosamente construído, altamente intrincado, destinado, pelo menos em parte, a salvar a imagem idealizada de Fliess a despeito de alguma prova condenatória. Uma interpretação mais completa, menos protetora do que a publicada por Freud, leva ao que deve ter sido o episódio mais consternador de sua vida.

O sonho de Irma que Freud lembrou ao acordar é, como a maioria de seus sonhos, rico e translúcido. À superfície, é uma mescla de notícias familiares e preocupações profissionais. Há um grande salão onde os Freud estão recebendo muitos convidados, entre os quais “Irma”, que Freud identificou como uma amiga da família, “uma jovem dama que eu tratara psicanaliticamente”. Freud aproxima-se dela, para censurá-la por não aceitar a “solução” dele e diz-lhe, dirigindo-se a ela com o íntimo *du*, que, se ela ainda tem dores, “é realmente culpa sua”. Ela responde que as dores de contração na sua garganta, estômago e ventre são mais sérias do que ele imagina. Surpreso, Freud examina Irma e se indaga se não teria talvez deixado de perceber algum distúrbio orgânico. Ele examina a garganta dela e, depois que Irma, hesitante, abre adequadamente a boca, vê um retalho branco e algumas crostas de ferida acinzentadas, dispostas como os ossos da concha nasal. A cena do sonho se enche a seguir com amigos médicos de Freud, todos devidamente disfarçados: Oscar Rie, o pediatra dos filhos de Freud; Breuer, a eminência dos círculos médicos de Viena; e Fliess, sob a aparência de um especialista culto com quem Freud mantém as melhores relações. De certa forma, todos esses médicos — exceto Fliess! — revelam-se responsáveis pela continuidade das dores de Irma. De fato, Freud sonha que seu amigo “Otto” — Oscar Rie — tinha aplicado irrefletidamente uma injeção em Irma. “Um preparado de propilo, propilos...”, gagueja Freud, “ácido propiônico ... trimetilamina” e “provavelmente com uma seringa que não estava limpa”.

Numa discussão que antecede sua interpretação, Freud revelou que os sintomas de angústia histérica de Irma haviam melhorado durante a análise, mas que as dores somáticas ainda eram incômodas. No dia anterior, Freud encontrara Rie, o qual (pareceu a Freud) criticara-o indiretamente por não ter curado Irma de todo; procurando se justificar, Freud havia escrito um relato do caso para Breuer. Embora Freud não tenha se dado ao trabalho de dizer, é óbvio que, por mais tensas que tivessem se tornado as relações entre ambos, Breuer continuava a ser uma autoridade para Freud, cujo julgamento ele ainda valorizava e cuja crítica temia.

Foi este o pano-de-fundo que Freud ofereceu para explicar as origens do sonho e o desejo oniricamente distorcido e dramatizado. Ele interpretou o sonho imagem por imagem, fala por fala: a recepção dos convidados lembrava um comentário de sua mulher, antevendo sua festa de aniversário; a trimetilamina química evocava as teorias de química sexual de seu amigo Fliess; a seringa suja remetia a seu orgulho pela forma como mantinha *suas* seringas cuidadosamente limpas, ao ministrar duas injeções diárias de morfina a um paciente idoso. À medida que ele seguia uma pista após outra, seu pensamento se ramificava. Elas remontavam a um caso trágico, em que uma droga que ele havia receitado de boa-fé e autoridade levava à morte do paciente; a um outro caso em que sua intervenção havia exposto o paciente a riscos

desnecessários; à sua mulher, que tivera problemas com as veias durante a gravidez e (o que ele não deixou claro para o leitor) estava novamente grávida. Freud interpretou todas essas lembranças, ou a maioria delas, como associações centradas em sua competência como médico. A carga do desejo retratado pelo sonho era, pois, que os sofrimentos de Irma não deveriam na verdade ser atribuídos a uma falha sua, mas a falhas de outros. “Em suma, sou consciencioso.” De modo bastante condizente, o mesmo amigo que aparentemente criticara o suscetível Freud aparecia no sonho como um médico irresponsável e pouco confiável. Assim, Freud decidiu ler o sonho da injeção de Irma como um sonho de vingança e de reafirmação de si próprio: reunindo todas as idéias do sonho, podia-se classificá-las, concluía ele, como uma “preocupação pela saúde, tanto a pessoal como a de outros, e a conscienciosidade de um médico”.

Freud mencionou alguns outros temas entrelaçados no tecido desse sonho — entre eles, uma doença de sua filha mais velha, Mathilde —, embora tomando o cuidado, em sua engenhosa interpretação, de evitar outros. A insistência de Freud sobre sua solução junto a Irma, a relutância desta em abrir a boca do modo apropriado, para não citar a seringa suja que seu amigo Otto usara — tudo isso convida o leitor com inclinações psicanalíticas a refletir sobre as fantasias sexuais de Freud. Mas havia ainda uma omissão mais importante e menos visível do que estas, visto que a leitura de Freud constitui um grande deslocamento: o médico cuja conscienciosidade ele queria provar com este sonho não era tanto ele, e sim Fliess.

A chave para esta interpretação é a identidade complexa da própria Irma. Como a maioria das figuras centrais dos sonhos, ela era, como insistiu Freud, uma *Sammel-person*, um “compósito”. Muito provavelmente, Freud emprestou seus traços principais de Anna Lichtheim, filha de seu professor de religião Samuel Hammerschlag, uma jovem viúva e uma das pacientes prediletas de Freud. Mas, sob aspectos inequívocos — sua idade, a viuvez, a histeria, seu trabalho com Freud, a ligação com a família Freud, e provavelmente seus sintomas físicos —, Anna Lichtheim se parecia muito com uma outra paciente de Freud, Emma Eckstein. E foi Emma Eckstein que figurou como o personagem principal de um melodrama médico do início de 1895 em que Freud e, em grau muito maior, Fliess desempenharam papéis nada invejáveis. No inconsciente de Freud, ao compor este sonho, a figura de Emma Eckstein e a de Anna Lichtheim parecem ter se fundido para formar Irma.

Além de seus sintomas de angústia histérica, Emma Eckstein sofria seriamente de dores e secreções sanguinolentas do nariz. Embora Freud considerasse seus sangramentos nasais como psicogênicos, pedira a Fliess que examinasse a paciente, para não descurar de uma enfermidade física enquanto procurava as raízes do mal-estar psicológico. No sonho de Irma, ele se preocupa justamente com um tal diagnóstico errôneo. Assim, Fliess viera a Viena e operara o nariz de Emma Eckstein. Mas a operação não trouxera nenhum alívio: as dores não diminuíram, e foram intensificadas por abundantes hemorragias e um cheiro fétido. Alarmado, Freud chamou cirurgiões vieneses e, em 8 de março de 1895, contou a Fliess o que havia acontecido. Seu velho amigo de escola Ignaz Rosanes, um especialista renomado, encontrara Freud no apartamento de Emma Eckstein. Ela estava sangrando pelo nariz e pela boca, e o “odor fétido era muito forte”. Rosanes “limpou em torno da abertura, tirou coágulos de

sangue grudados e de repente puxou algo que parecia um barbante, e continuou puxando”. Antes que ele e Freud conseguissem parar para pensar, “um bom meio metro de gaze tinha sido tirado da cavidade. Logo a seguir, veio um jorro de sangue, a paciente ficou branca, com os olhos saltados e sem pulso”. Rosanes agiu com rapidez, fechando a cavidade com gaze nova, e o sangramento parou. Tudo transcorreria em meio minuto, mas foi o suficiente para deixar Emma Eckstein “irreconhecível”. Freud entendeu instantaneamente o que havia acontecido; frente à calamidade, sentiu-se nauseado. Depois de tampado o nariz, ele “voou” para o aposento vizinho para tomar uma garrafa de água, e sentiu-se um tanto desarvorado. Um copinho de conhaque fez com que se recuperasse. Quando voltou, “um pouco cambaleante”, ao lado de Emma Eckstein, ela o saudou com um comentário “superior”: “Então este é o sexo forte”.

Freud protestou que não fora o sangue que o perturbara, mas sim “a pressão das emoções”. Podemos imaginar quais foram elas. Mas mesmo em sua primeira carta, escrita sob o impacto desse episódio desconcertante, Freud mostrou-se ansioso em proteger Fliess da evidente acusação de negligência ou quase imperícia fatal. “Assim tínhamos sido injustos com ela”, admitiu ele. Emma Eckstein era perfeitamente normal; seus sangramentos nasais não eram de origem histérica, e tinham sido provocados por “um pedaço de gaze de iodofórmio que tinha se rasgado quando você a puxou para fora, e ali ficou por duas semanas”. Freud assumiu a responsabilidade e desculpou o amigo: ele não devia ter pressionado Fliess para fazer uma operação numa cidade estranha, onde não poderia acompanhar o caso. “Você fez o melhor possível.” O acidente com a gaze era algo “que acontece com o mais prudente e afortunado cirurgião”. Era a típica desculpa defensiva que Freud psicanalista logo viria a chamar de recusa. Mas, na época, ainda não. Ele citou outro especialista, que admitia ter-lhe sucedido a mesma coisa, e acrescentou num tom reconfortador: “Naturalmente, ninguém o censura”.

Na verdade, como Freud insinuou delicadamente numa carta do começo de abril, um especialista vienense, também otorrinolaringologista como Fliess, havia sugerido que o sangramento abundante e recorrente de Emma Eckstein fora provocado pela desastrosa intervenção de Fliess, sendo que o fato de ter esquecido a gaze dentro do nariz fora apenas a pior conseqüência. Fliess se mostrou ofendido, mas Freud tentou acalmá-lo: o que quer que todos esses especialistas pudessem pensar, “para mim você continua a ser o médico, o tipo de homem em cujas mãos depomos confiantes nossa vida e a vida de nossa família”. Mas Freud não se contentou simplesmente em reafirmar sua plena confiança no talento e competência de Fliess, como também responsabilizou Emma Eckstein por toda a catástrofe. No final de abril, numa carta ao seu “Carro Mágico”, ele se referiu à sua paciente, agora melhorando gradativamente, como “meu e seu incubo”. Um ano depois, Freud voltou ao assunto, contando a Fliess “uma solução bastante surpreendente para as hemorragias de Eckstein — que vai lhe agradar muito”. Freud achava que poderia provar que Fliess estivera certo durante todo o tempo, que “seu sangramento era histérico, causado por *anseios*”. E enviava palavras de lisonja: “Seu faro acertou de novo”. Os sangramentos de Emma Eckstein eram “sangramentos de desejo”.

O fato de ela estar evoluindo “brilhantemente” apenas facilitou a tarefa de Freud em

O desejo é o pai do pensamento  
Shakespeare

encontrar um álibi inabalável para seu amigo. Ele manteve um silêncio discreto sobre a embaraçosa questão de se a decisão de Fliess em operá-la, afinal, tinha sido razoável, um silêncio discreto sobre a faixa de gaze que Fliess deixara a apodrecer. Era tudo culpa de Emma Eckstein. Ela realmente gostava de perder sangue, visto que o sintoma permitiu que ela demonstrasse que suas várias enfermidades eram mais reais do que imaginárias, e isso lhe dava um direito ao afeto dos outros. Freud, naturalmente, apresentou algumas provas clínicas de que provavelmente ela vinha se aproveitando há anos de seus sangramentos. Mas isso não absolvía Fliess; a atitude evasiva de Freud é evidente. O que realmente importava não era que seu inconveniente íncubo maquinasse suas doenças a fim de receber amor, mas que seu desastrado cirurgião fosse digno de ser amado, conforme era indispensável a Freud. Mesmo que Freud em larga medida modelasse Irma a partir de Anna Lichtheim, a extraordinária semelhança entre as duas mulheres tornava absolutamente inevitável a invasão de Emma Eckstein no sonho de Irma. Fliess fez apenas uma aparição fugaz no sonho, conforme Freud relatou, e o próprio Freud se surpreendeu: "Esse amigo, que desempenha um papel tão grande na minha vida, não deveria aparecer mais no contexto de pensamento do sonho?" A resposta é: ele apareceu. O sonho da injeção de Irma revela, entre outras coisas, a ansiedade de Freud em ocultar suas dúvidas sobre Fliess não só ao próprio Fliess, mas a si mesmo.

É um paradoxo: aí estava Freud, debatendo-se sobre as leis das operações mentais inconscientes, desculpando o culpado e difamando o inocente, tudo em prol da preservação de sua ilusão necessária. Nos anos que se seguiram, Freud estabeleceria infosfismavelmente que a incoerência é o quinhão inelutável, ainda que não desejável, do homem. Ele gostava de citar um verso de um dos seus autores preferidos, o poeta suíço Conrad Ferdinand Meyer, sobre "o homem com todas as suas contradições". Ele reconhecia o domínio da ambivalência — a tensa coexistência do amor e do ódio — sobre a mente humana. Alguns dos seus primeiros pacientes haviam lhe ensinado que os seres humanos podem saber e não saber ao mesmo tempo, entender intelectualmente o que emocionalmente se recusam a aceitar. Uma maior experiência psicanalítica ofereceria um irrefutável apoio clínico à observação de Shakespeare de que o desejo é o pai do pensamento. Uma das maneiras favoritas de se tratar com complicações inconvenientes, por mais intrusas que sejam, é a de desejá-las que desapareçam. Foi o que aconteceu a Freud durante a primavera e o verão de 1895.

Durante todo esse tempo, e mesmo adiante, Fliess continuou a ser o insubstituível Outro de Freud. "Veja o que acontece", escreveu-lhe Freud ainda em 1899, logo depois de um de seus encontros. "Aqui vivo eu rabugento e nas trevas, até você vir; eu me repreendo, acendo minha luz bruxuleante na sua luz calma, sinto-me bem de novo, e, após sua partida, volto a ter olhos para ver, e o que eu vejo é bom e belo." Não havia mais ninguém, em Viena ou em qualquer outro lugar, que pudesse prestar esse serviço a Freud, nem mesmo sua espirituosa e inteligente cunhada Minna Bernays. Mas o Fliess que assim preenchia o modelo do perfeito ouvinte de Freud era, em parte, invenção do próprio Freud.

Uma razão pela qual seu retrato idealizado se conservou íntegro por tanto tempo foi que Freud levou alguns anos para reconhecer, e elaborar, o ingrediente erótico de sua dependência. "A companhia do amigo, exigida por um lado especial —

talvez feminino”, certa vez confessou Freud a Fliess, “ninguém pode substituir para mim”. Foi num período avançado de sua amizade, em 1900. Um ano depois, ele voltou a esta questão, com uma ponta de recriminação insinuando-se em seu prosaico comentário autobiográfico: “Não partilho do seu desdém pela amizade entre os homens, provavelmente porque estou nela envolvido a um alto grau. Na minha vida, como você bem sabe, a mulher nunca substituiu o camarada, o amigo”. Freud escreveu esta avaliação de si mesmo quando sua intimidade com Fliess já havia diminuído, e podia-se permitir ter uma visão clara. Em 1910, examinando retrospectivamente esse relacionamento decisivo, Freud disse claramente a vários de seus discípulos mais próximos que sua ligação com Fliess contivera um elemento homossexual.\* Mas, em 1895 e 1896, Freud lutou contra suas dúvidas a respeito de Fliess. Ele levaria cinco anos ou mais para conseguir se libertar de sua sujeição.

Como os analisados têm of seus analistas

#### AUTO-ANÁLISE

No final da primavera de 1896, Emma Eckstein praticamente desaparecera da correspondência entre Freud e Fliess, embora não da vida de Freud.\*\* Ele tinha coisas mais prementes a pensar: seus loquazes pacientes, o isolamento profissional, suas vertiginosas incursões na teorização psicológica. “No conjunto”, disse a Fliess em abril de 1896, “estou avançando muito bem na psicologia das neuroses, tenho todas as razões para estar satisfeito”. E novamente, um mês depois: “Estou trabalhando na psicologia, decidido e sozinho”. Também estava trabalhando numa monografia sobre paralisia cerebral infantil para a importante edição de caráter enciclopédico organizada por Nothnagel, *Patologia e Terapia Especial*. Voltado para a busca dos segredos das neuroses, ele realizou essa incumbência no campo da neurologia com grandes mostras de relutância. “Estou inteiramente atolado em paralisias infantis, que não me interessam em absoluto” — queixou-se a Fliess no final de 1895. Um ano depois, ele denegria o “trabalho de Nothnagel”, considerando-o “repulsivo”; quando publicou *Paralisia Cerebral Infantil* no começo de 1897, não deu o menor valor a esse texto douto de grande peso, no qual muitos outros médicos se alegrariam em alicerçar sua reputação.\*\*\*

Mas, na primavera e no verão de 1896, seu pai esteve à morte, e isso foi muito mais absorvente para Freud do que seus afazeres neurológicos, e até mesmo do que as neuroses. “Meu velho pai (81 anos)”, informou a Fliess no final de junho de 1896, “está em Baden”, uma estância a meia hora de Viena, “no mais frágil estado, com insuficiência cardíaca, paralisia da bexiga e coisas semelhantes”. Todos os planos de

(\*) Ver pp. 258-60.

(\*\*) Ela continuou amiga da família e se tornou colega: uma carta de Freud a Fliess, em 12 de dezembro de 1897, revela que ela havia começado a psicanalisar pacientes por conta própria. [Ver *Freud-Fliess*, p. 312 (286).]

(\*\*\*) O neurologista suíço Rudolf Brun observou em 1936 que “a monografia de Freud é a exposição mais cabal e completa que jamais foi escrita sobre as paralisias cerebrais infantis... Tem-se uma idéia do magnífico domínio sobre o enorme material clínico aqui reunido e criticamente manipulado com o fato de que apenas a bibliografia ocupa catorze páginas e meia. Foi uma realização magnífica e, sozinha, bastaria para garantir ao nome de Freud um lugar permanente na neurologia clínica”. (Citado em *Jones* I, p. 219.)